

---

# SER Social

SEXUALIDADES, LUTAS E DIREITOS  
DA POPULAÇÃO LGBTQIA+

Brasília (DF), v. 26, nº 54, de janeiro a junho de 2024

---

## A Religião no Serviço Social

*The Religion in Social Work*  
*La Religión en Trabajo Social*

José Pedro Simões Neto<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-6322-2389>

Recebido em: 08/02/2022

Aprovado em: 20/09/2023

**Resumo:** A religião é um tema discutido por todos os cientistas sociais clássicos, mas relativamente esquecido no serviço social brasileiro. Entretanto, as questões religiosas não deixam de atravessar a prática profissional. A partir desta constatação, o artigo recupera alguns dados já produzidos, principalmente por Simões (2005) e outros, para pôr em evidência algumas das seguintes questões: os temas derivados do debate sobre a religião na prática profissional sempre estiveram presentes e permanecem relevantes na agenda internacional do serviço social; os assistentes sociais brasileiros são majoritariamente religiosos (cristãos); eles têm, historicamente, maior participação em atividades religiosas voluntárias do que políticas; eles estabelecem elos de sentido entre sua formação profissional e sua formação religiosa. Desse

---

<sup>1</sup> Mestre em Serviço Social (UFRJ). Doutor em Sociologia (IUPERJ). Professor Titular da UFRJ e da UFSC. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/9893203143589929>>. E-mail: <josepeneto@gmail.com>.

modo, a ausência de um debate aberto e sistemático sobre a mediação religiosa na prática profissional termina deixando que seus profissionais continuem atuando baseados no *bom senso* e no *senso comum*.

**Palavras-chave:** Religião. Serviço Social. Prática profissional. Formação profissional.

**Abstract:** Religion is a theme discussed by all the classic social scientists but relatively forgotten in Brazilian social work. However, the religious issues do not cease to cross the professional practice. From this observation, the article recovers some data produced mainly by Simões (2005) and others, to highlight some of the following questions: the themes derived from the debate about religion were always present and still remain relevant in the international agenda of social work; the Brazilian social workers are mostly religious (Christians); they have, historically, more participation in voluntary religious activities than political ones; they establish links of meaning between their professional training and their religious training. Thus, the absence of an open and systematic debate about religious mediation in professional practice remains to leave their professionals still acting based on *good sense* and *common sense*.

**Keywords:** Religion. Social Work. Professional practice. Professional qualification.

**Resumen:** La religión es un tema discutido por todos los científicos sociales clásicos, pero relativamente olvidado en el trabajo social brasileño. Sin embargo, las cuestiones religiosas no dejan de cruzar la práctica profesional. Con base en este hallazgo, el artículo recupera algunos datos ya producidos, principalmente por Simões (2005) y otros, para resaltar algunas de las siguientes preguntas: los temas derivados del debate sobre la religión en la práctica profesional siempre han estado presentes y siguen siendo relevantes en la agenda internacional del trabajo social; los trabajadores sociales brasileños son mayoritariamente religiosos (cristianos); tienen, históricamente, mayor participación en actividades religiosas voluntarias que políticas; establecen vínculos de sentido entre su formación profesional y su formación religiosa. De esta forma, la ausencia de un debate abierto y sistemático sobre la mediación religiosa en la práctica profesional acaba dejando a sus profesionales para seguir actuando con base en el sentido común y la sensatez.

**Palabras clave:** Religi3n. Servicio Social. Pr3ctica profesional. Formaci3n profesional.

## INTRODUÇ3O

A religi3o 3 um tema cl3ssico nas ci4ncias sociais, sendo objeto de estudo de todos os principais autores da literatura cl3ssica. No entanto, assim como outros temas, a discuss3o sobre religi3o esteve presente na agenda do serviç3o social at3 o in3cio dos anos de 1980 e s3 muito recentemente vem ganhando novo espaç3o no debate profissional, ainda que de forma muito t3mida. Recuperando uma sistematizaç3o, realizada por Teixeira (2020), mesmo com algumas lacunas,<sup>2</sup> o trabalho da autora demonstra um levantamento da discuss3o desde o final dos anos de 1990 (veja a lista de publicaç3es anexas ao artigo).

Pode-se observar, entretanto, que h3 muitas 3reas da pr3tica assistencial que s3o atravessadas por quest3es religiosas, o que impacta o fazer dos assistentes sociais. Para citar apenas alguns exemplos, temos: (a) os trabalhos paliativos nos hospitais; (b) a visita religiosa para aqueles que est3o privados de liberdade; (c) as quest3es da sexualidade, do aborto e da fam3lia; e (d) as iniciativas religiosas no campo assistencial como um todo, suas relaç3es com o Estado e suas formas de aç3o conjunta com a rede p3blica (BURITY, 2006). Enfim, todas essas (e outras, ainda) interaç3es entre religi3o e trabalho profissional t3m sido encaminhadas por profissionais que n3o foram treinados profissionalmente para tal, embora alguns desses temas venham sendo tratados em artigos e dissertaç3es de mestrado. Al3m desses temas, a pr3pria formaç3o profissional, o perfil dos seus agentes e seu exerc3cio s3o, em si, 3mbitos necess3rios para a referida discuss3o (veja anexos).

Portanto, a exist3ncia de estudos nessa 3rea 3 uma exig4ncia profissional, j3 que n3o se trata de crer ou n3o crer, de ser desta ou de outra religi3o, n3o se trata mesmo de ser um ateu: a formaç3o dos assistentes sociais, ao deixar de focar os temas relativos 3 religi3o,

---

2 3 muito prov3vel que o n3mero de trabalhos de conclus3o de curso (TCC) seja maior, j3 que os trabalhos apresentados em congressos, em geral, se baseiam ou neste tipo de produç3o ou nos trabalhos de dissertaç3o de mestrado. 3, entretanto, dif3cil rastrear os TCC. Ao trabalho de Teixeira (2020) foram realizados alguns acr3cimos pontuais.

deixa que seus profissionais atuem conforme suas próprias referências, sem reflexão, sem racionalização, sem aportes teóricos, enfim, baseados no *bom senso* e no *senso comum*.

Na literatura internacional, em diversos países, a religião é tratada como um tema relevante para a formação profissional, ainda que não exista um consenso sobre essa apropriação. O trabalho de Loewenberg (1988) é uma referência neste debate, por sintetizar os principais dilemas que esta apropriação acarreta. No entanto, houve pouco investimento na literatura brasileira sobre o perfil, a identidade dos assistentes sociais e a importância da religião tanto como parte desta identidade quanto da própria formação e prática profissional.

Entretanto, assistir aqueles que estão em necessidade, vulnerabilidade e risco social, como os refugiados, enfim, é uma ação humanitária, endossada por praticamente todas as religiões, incluindo as cristãs (SIMÕES, 2005). Além disso, a influência da religião no serviço social não ocorre apenas no Brasil, mas em diversos outros países. Giarchi e Lankshear (1998), tratando do contexto europeu, demonstram que o protestantismo influenciou o desenvolvimento do serviço social em países como Áustria, Bélgica, Finlândia, França, Dinamarca, Inglaterra, Alemanha, Suécia e Noruega, além da influência católica na Itália, na França (VERDÈS-LEROUX, 1982), em Portugal e na Espanha, bem como a atuação do catolicismo na América Latina (CASTRO, 1987), do budismo no Japão (ITO, 1995) e da Igreja Ortodoxa na Rússia pós-comunista (IARSKAIA e ROMANOV, 2002), sem deixar de mencionar o protestantismo nos Estados Unidos (BASTOS, 1988), entre outros países.

Dessa constatação, duas questões podem ser percebidas. A primeira é que a influência da religião no serviço social brasileiro não é uma exceção, mas faz parte de um padrão de implantação da religião nos diversos países com tradições religiosas diferentes. Foi assim, portanto, que a profissão se consolidou no mundo. A segunda é que, de maneira diferente de como ocorreu a trajetória da profissão no Brasil, internacionalmente, a discussão sobre a religião permaneceu como parte dos temas relevantes da profissão.

Fazendo uma busca rápida em revistas de serviço social, encontramos, por exemplo, em *International Social Work* (SAGE Journals), revista que abarca artigos sobre o serviço social em diversos países do mundo, mais de mil artigos que tratam sobre religião, sendo que 260

associam religião à espiritualidade. É de se imaginar a quantidade de temas e subtemas tratados nessas publicações. No *European Journal of Social Work* (Taylor and Francis Group), encontramos 329 publicações quando procuramos pela palavra “religião” (“religion”). Já no *British Journal of Social Work* (Oxford), são 570 artigos. Na revista americana National Association of Social Work (NASW Press/Oxford) –, encontramos outros 651 artigos. Também nos Estados Unidos, há um periódico específico para tratar da religião e da espiritualidade no serviço social: o *Journal of Religion & Spirituality in Social Work: Social Thought* (Taylor and Francis Group). Trata-se de uma publicação da associação americana *The Society for Spirituality and Social Work*. Ainda no mesmo país, encontramos outras associações com o mesmo foco de atividade: *The North American Association of Christians in Social Work*, que publica a revista *Social Work and Christianity*; a *Catholic Social Work National Association* e a *National Association of Jewish Social Workers*. Outra associação foi ainda identificada no Canadá: *The Canadian Society for Spirituality and Social Work*.

Para nossa aproximação da realidade brasileira, fazendo uma busca livre no Portal de Periódicos da Capes com as palavras “religion” e “social work” (no campo de assuntos), encontramos 1.866 artigos, mas quando procuramos com as mesmas palavras em português, só há um artigo mencionado. Portanto, disponibilidade para o acesso à literatura existe, o que não existiu foi vontade política de assimilá-la.<sup>3</sup>

Há, entretanto, três questões importantes a serem consideradas quando se trata da religião para os assistentes, para as quais já temos algumas referências na literatura nacional: a primeira é a identidade dos assistentes sociais, para os quais a religião é uma dimensão relevante; a segunda é a própria prática profissional, que impõe a eles a necessidade da tomada de decisões em momentos nos quais a religião está presente. Portanto, há uma conexão necessária entre as duas questões, já que parece difícil que a religião dos profissionais não tenha nenhuma importância sobre as decisões profissionais que os assistentes sociais tomam. A terceira questão trata do próprio legado histórico profissional, em que a profissão é tida como parte de um ativismo católico.

3 Em 2000, a Capes fez um grande corte na assinatura de periódicos internacionais, quando foi grandemente criticada pela comunidade acadêmica. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), havia pelo menos três periódicos internacionais de serviço social. No entanto, durante os anos de 1990, nenhum dos seus números havia sido consultado nem por alunos, nem por professores. Não é de se estranhar que a direção e os docentes da Escola de Serviço Social (ESS) não tenham se manifestado sobre os cortes realizados.

O que será apresentado neste artigo não constitui reflexões novas. Elas estão, em geral, contidas nas publicações de Simões (2005, 2009 e 2013). Entretanto, aqui foi organizada uma síntese desses trabalhos, com o acréscimo de alguns dados que atualizam os resultados já obtidos pelo autor. Neste artigo, não será possível tratar nem do legado histórico, nem dos dados dos estudantes de serviço social, por questões de restrição de espaço. Assim, o enfoque do artigo recai sobre a religião como parte da identidade dos assistentes sociais, incluindo os autores que publicam na área e sua relação com a prática profissional.

O que se apresenta aqui constitui-se de dados e reflexões passíveis de críticas e revisões, mas sobretudo o resultado de esforços para compreender uma dimensão do trabalho profissional que, como dito, não vem sendo tratada na formação profissional. Neste sentido, que o leitor veja aqui pontos de partida para novas pesquisas e para a produção de novos conhecimentos.

## **1. A IDENTIDADE DOS ASSISTENTES SOCIAIS**

Com isso, vamos aqui apenas apresentar alguns dados sobre os profissionais e os autores do serviço social, sem desejar, com isso, chegar a conclusões definitivas, já que há ainda grandes lacunas a serem superadas.

### **OS PROFISSIONAIS DE SERVIÇO SOCIAL E A RELIGIÃO**

Como na literatura nacional do serviço social não há dados sistematizados sobre a identidade e a participação dos assistentes sociais em relação à religião, recorreremos à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE) de 1988, que trouxe um suplemento sobre a participação cívico-política e religiosa. Reproduzimos desses dados, mediante uma seleção de seus microdados, as informações próprias à categoria profissional (os dados completos estão em Simões, 2013).

A referida pesquisa, naquele ano em particular, é absolutamente relevante, pois 1988 foi o ano em que houve a Assembleia Nacional Constituinte. Após toda a luta pela abertura democrática, o final dos anos de 1980 demarcou um contexto de efervescência política, com grande participação dos movimentos sociais. Então, seria de se esperar que, naquele cenário, os profissionais de uma categoria que afirma ter

um forte e explícito compromisso com os trabalhadores estivessem engajados em movimentos sociais e políticos. Pinheiro (2010, p. 63) assim define aquele momento:

a democratização da sociedade e a mobilização para as eleições diretas, assim como para a aprovação de uma nova Constituição republicana, [...] em um período de efervescência política, produzida pela formação de novas organizações populares, partidos políticos e do movimento sindical [...] [fizeram com que participassem desse processo,] de forma mais próxima, os cristãos – [...] – e a categoria dos assistentes sociais. Ambos irão contribuir de forma direta com a formação do Partido dos Trabalhadores e da Central Única dos Trabalhadores, que se constroem como organizações de base, as mais participativas e combativas no período.

Naquela época, entretanto, apenas 9,2% dos assistentes sociais participavam de associações de bairro e somente 10,6% de atividades políticas (conforme a classificação obtida na PNAD). Especificando ainda mais os dados, temos que: (I) 2,6% dos assistentes sociais participavam de associações de moradores e estavam em atividades políticas; (II) 5,5% estavam apenas na militância nas associações de moradores; e (III) 7,9% participavam somente de atividades políticas, perfazendo um total de 13,4% de profissionais que estavam em uma dessas atividades ou nas duas. Porém, 84% dos assistentes sociais não estavam vinculados a nenhuma dessas atividades.

Quando observamos a identificação e a participação religiosa dos assistentes sociais naquele contexto, os números são bastante distintos: 92,2% dos assistentes sociais diziam ter uma religião. Entre os grupos religiosos, 81,7% eram católicos, 6% eram espíritas; 2,2%, evangélicos; 3,1% de outras religiões e 7,1% não tinham nenhuma religião. Mais do que uma identificação religiosa, chama a atenção o fato de que 40% da categoria comparecia à Igreja ou ao templo religioso semanalmente e 56%, ao menos, mensalmente. Tais dados são semelhantes aos identificados com os alunos (Simões, 2009), embora os dados da PNAD sejam nacionais e os dos discentes sejam restritos ao Rio de Janeiro.<sup>4</sup> No entanto, eles são também semelhantes aos de Verdès-Leroux (1986).

---

4 Simões (2009) realizou uma pesquisa com alunos dos cursos de serviço social das seguintes universidades: UFRJ, UERJ, UNISUAM, Veiga de Almeida, Castelo Branco e PUC-RJ.

O trabalho de Verdès-Leroux (1986, p. 48), tido como um marco para a caracterização da influência católica na profissão na França, traz um quadro de filiação e participação religiosa muito semelhante àquelas identificadas na pesquisa aqui reportada.

As assistentes sociais são recrutadas, por fim, dentro de meios particulares: não são simplesmente católicos (90% dentre elas foram criadas nessa religião): o militância em movimentos confessionais assume, entre elas, uma importância excepcional. Cerca de metade dos membros da profissão pertenceu a movimentos juvenis confessionais.

Especificando ainda mais os dados, é possível identificar que somente 5% dos assistentes sociais tinham participação política sem participação religiosa. Por outro lado, 13% não tinham nenhuma participação. Além disso, 11,6% participavam tanto de atividades religiosas quanto políticas. Por fim, 70% só tinham participação religiosa (semanal: 36%; mensal: 13%; e anual: 21%). Observe que aqueles que atuavam politicamente sem associar essa participação à religião (5%) constituíam menos da metade daqueles que o faziam (11,6%). Detalhe: os primeiros formavam o menor grupo considerado.

No início dos anos 2000, uma pesquisa conduzida com 17 assistentes sociais trouxe dados qualitativos sobre a importância da religião como característica do perfil profissional (SIMÕES, 2005). Primeiro, todas as profissionais entrevistadas eram provenientes de famílias de tradição religiosa. Em todos os casos, a mãe era religiosa e somente em dois casos o pai não era. Dessas famílias, entre 80% a 90% dos assistentes sociais tiveram formação religiosa, participando de catecismo, cultos e missas, grupo jovem, colégio religioso, entre outros. Além disso, parte da escolha profissional esteve relacionada a um conhecimento prévio da profissão e de uma motivação baseada nos valores religiosos recebidos pela família.

O fato, entretanto, é se perguntar: o quanto tal formação e base formativa interferem ou poderiam interferir (como e de que modo?) na prática profissional? É necessário, entretanto, enfatizar um outro elemento: como ocorreu a produção do conhecimento no serviço social? Aí também houve uma interface com a religião?

## A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: OS AUTORES DO SERVIÇO SOCIAL

A produção de conhecimento do serviço social, ao longo dos últimos 30 anos, também é afetada pela religião. Se, até os anos de 1980, ainda havia publicações com referências explícitas a conteúdos e conceitos religiosos,<sup>5</sup> os escritos marxistas, durante o final daquela década e nos anos seguintes, deixam de apresentá-los. O que significa essa falta de referências religiosas nos textos? Antes de responder, vejamos quais são as características dessa literatura.

O estudo de Lídia da Silva (1991), por exemplo, trata da formação sociocultural apenas dos principais assistentes sociais marxistas que influenciaram a profissão. Os profissionais entrevistados, nascidos entre as décadas de 1930 e 1950, terminaram o curso ao longo dos anos de 1960. Em sua tese de doutorado, a autora recupera a história de vida desses profissionais, buscando identificar a forma como chegaram ao marxismo. Seu estudo aborda, entre outros temas, o perfil dos assistentes sociais que foram os mais atuantes e destacados<sup>6</sup> no final dos anos de 1970.

Ao tratar do período de juventude desses profissionais, a autora afirma que “a participação dos adolescentes, quando ainda estudantes secundaristas, em movimentos da Igreja Católica, foi uma experiência identificada em dezenove das vinte e três histórias de vida” (1991, p. 155). Foi tal experiência que os aproximou da política e do marxismo, assim como “o peso destes [movimentos religiosos] na conformação de suas consciências e na percepção da realidade social, através de uma determinada angulação – a da Igreja, tanto em suas versões mais ‘progressistas’, quanto nas mais tradicionais naquele momento histórico –, foi bastante significativo” (idem, p. 168).

A escolha da profissão para tais assistentes sociais, que eram também, em sua maioria, mulheres (três apenas eram homens), dá-se,

---

5 Nos anos de 1980, temos a publicação de livros e artigos com viés religioso, publicações estrangeiras traduzidas (PERLMAN, 1981), com ou sem enfoque marxista (BARBOSA, 1980; VIEIRA, 1984; PINTO, 1986; HAMILTON, 1987; ALMEIDA, 1989; dentre outros), enfim, uma diversidade de perspectivas, tendo destaque as editoras Moraes, Agir e Francisco Alves.

6 Os entrevistados são: Alba Maria Pinho de Carvalho, Aldayr B. Barthy, Ana Ma. Quiroga F. Netto, Assunção Hernandes de Andrade, Eugênia Célia Raizer, Eva Terresinha S. Faleiros, Joaquina B. Teixeira, Josefa B. Lopes, José Paulo Netto, Leila Lima Santos, Maria Inês de S. Bravo, Maria Helena de Almeida Lima, Maria Helena L. Godinho, Maria Luiza de Souza, Marta Silva Campos, Nobuco Kameyama, Rosalina Santa C. Leite, Safira Bezerra Ammann, Suely Gomes Costa, Vicente de Paula Faleiros, Yara S. Vicini, Walderez L. Miguel e Lídia Ma. M. Rodrigues da Silva.

segundo Silva (1991), por uma motivação religiosa com forte conotação política. O discurso humanista-cristão é marcante nas narrativas. Além disso, o ideário de “doação de suas vidas, no sentido da construção de um mundo fraterno e justo, no qual a realização pessoal se subordina à exigência ética da erradicação da miséria e das injustiças sociais pela evangelização das massas, é o ponto central do discurso dos narradores católicos” (SILVA, 1991, p. 169). É com o objetivo de realizar tal “missão” ou de assumir seu “compromisso social” (expressões utilizadas pelos próprios assistentes sociais) que os referidos profissionais escolheram o ofício do serviço social.

Sobre a origem social dos assistentes sociais entrevistados, afirma a autora que “algumas [famílias] podem ser descritas como típicas famílias de ‘classe média’ urbana – em seus mais variados estratos [...]. Outras famílias [eram] [...] de origem rural [...]. Em apenas quatro casos, as famílias de origem dos narradores foram proprietárias de casas comerciais [...]” (p. 111). A conclusão a que a autora chega é que os entrevistados, “se não passavam dificuldades, também não eram ricos” (p. 116) e que apenas três chamavam a atenção para a pobreza em que viviam. De todo modo, estamos diante de uma origem social bem diversa dos “pioneiros” (identificados como tendo uma origem burguesa) tratados por Carvalho e Yamamoto (1982). Conclui-se que a busca por uma profissão que gerasse justiça social dava-se por razões diversas, embora a motivação fosse a mesma (religiosa).

Em relação ao *capital cultural* (BOURDIEU, 1998) legado pelas famílias, afirma Silva que há como que uma unidade, “pois as mesmas são recorrentemente descritas como conservadoras, tanto no plano político, como no da religião e da moral” (SILVA, 1991, p. 119). As famílias eram, segundo a autora, católicas tradicionais, ou seja, militantes. Curiosamente, a religião “circulava no interior das famílias, principalmente através das mulheres adultas (avós, mães, tias e irmãs mais velhas)” (p. 125). Três narradoras revelaram terem se sentido vocacionadas para a vida religiosa. A autora trata como central, para a formação existencial desses assistentes sociais, a vivência de valores “tanto religiosos como laicos, valores que, em seu conjunto, podem ser catalogados como fazendo parte da *civilização cristã ocidental* ou do *humanismo-cristão*” (p. 127).

Uma das consequências dessa influência deve ser anotada. Se outras formas de entendimento da profissão, identificadas com o positivismo e a fenomenologia, não conseguiram romper com a influência

religiosa na profissão, ainda que estivessem empenhadas em constituir bases seculares e científicas para o ofício, isso ocorreu porque os assistentes sociais responsáveis por tal passagem eram religiosos e tiveram uma formação tradicionalista. Desta forma, podia-se prever que os elementos fortes de continuidade fossem percebidos na *nova proposta* de serviço social de cunho marxista.

No entanto, os autores que criticam tais posturas, assim como suas “reatualizações” (IAMAMOTO, 1992), têm, segundo a apreciação de Silva, a mesma *démarche* de análise: o humanismo-cristão e os valores cristãos ocidentais. A formação cultural dos assistentes sociais, especificamente da “primeira”<sup>7</sup> geração marxista no serviço social, detém uma perspectiva de análise religiosa, que determina, teórica e metodologicamente, a formação profissional.

Se o neotomismo foi o suporte, que esteve como base de valores e princípios para as propostas “conservadoras” de ação profissional, a Teologia da Libertação,<sup>8</sup> assim como a obra de Paulo Freire, deu o suporte para propostas assistenciais alternativas, que buscavam a “vinculação ao movimento de construção de uma pedagogia emancipatória pelas classes subalternas” (ABREU, 2002, p. 131; PINHEIRO, 2010).

A forte presença dos valores cristãos na constituição do perfil profissional não deixou de repercutir nas entrevistas realizadas pela equipe do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), na pesquisa realizada em 1995, intitulada: “*Serviço Social: trajetórias e perspectivas*”. Embora, nesta oportunidade, o objetivo dos pesquisadores não fosse traçar o perfil dos 41 assistentes sociais (35 mulheres e 6 homens) mais reconhecidos na profissão, o aspecto religioso da sua formação cultural foi detectado e apontado em duas notas, que afirmam o seguinte:

uma entrevistada, ao referir-se à profissão dos AS [assistentes sociais] como uma das poucas ou, talvez, a única que, no quadro da divisão sócio-técnica do trabalho, luta abertamente pelo socialismo como projeto de sociedade e como regime político a ser implantado, como a única profissão que não se define por um projeto de profissão, mas por um projeto político, estava,

---

7 Já há, certamente, uma “segunda” geração marxista no serviço social que foi formada pela primeira. São os quadros docentes mais recentes, principalmente das universidades públicas.

8 Um específico sobre a Teologia da Libertação e o serviço social encontra-se em Carrara (1999).

sem dúvida, realçando-lhe traços que configuram sua identidade. Porém, sem o saber, ou querer, roçava-lhe a auréola mística que dela faz, mais do que uma simples profissão, **uma profissão de fé** (DIEESE, 1995, p. 20, nota 5) [negritos do original].

Na nota seguinte, afirmam ainda os autores:

seria extremamente frutuoso empreender uma análise que revelasse a matriz religiosa do pensamento (e das atividades) que, apesar de todos os esforços, ainda se faz presente na categoria. A forma, por exemplo, de apegar-se exclusivamente a autores considerados **ortodoxos** e a de banir os **heterodoxos**; a necessidade de reverenciar ou recorrentemente citar alguns personagens alçados a condutores políticos dos AS [assistentes sociais], que os levarão por caminhos corretos, sem resvalos; a detecção das mais desabridas ou sutis formas de patrulhamento ou exclusão de pessoas e ideias;<sup>9</sup> as concessões de áreas demarcadas para a manifestação de uma **democracia controlada** que não ponha em risco a hegemonia; a “**profissão de fé**” que escorrega para dentro dos currículos e que carimba as universidades; a **utilização catequética**, fragmentada e reducionista de termos teóricos que perdem sua virtude conceitual, para funcionar como elementos sinalizadores de uma linguagem de reconhecimento de posições seriam, ao lado de tantos outros, tópicos importantes a serem destrinchados nessa análise (DIEESE, 1995, p. 20, nota 5) [negritos do original].

Os autores afirmam, assim como o fez Silva (1991), que há uma *dèmarche* religiosa implícita na estruturação do pensamento e das atividades dos assistentes sociais, presente de maneiras das mais diversas. Uma das possibilidades explicativas está na hipótese de que a formação cultural dos assistentes sociais lhes forneceu essa matriz de pensamento, uma ideologia total, no sentido mannheimiano do termo (MANNHEIM, 1986). Mesmo que os assistentes sociais entrevistados tenham deixado de ser religiosos, o estudo do DIEESE sugere que eles não deixaram de ter uma perspectiva religiosa de análise. Não é preciso dizer da importância de tal resultado para que se entendam as propostas

---

9 O texto de Quiroga (1991) representa um importante esforço teórico, quando tenta exatamente verificar o purismo das metodologias marxistas frente à “invasão positivista”.

de intervenção profissional, uma vez que esses assistentes sociais são os que mais influíram na profissão ao longo dos anos de 1980.

Vale também notar que, dentre os assistentes sociais entrevistados<sup>10</sup> pelos pesquisadores do DIEESE (1995), apenas sete fizeram parte da pesquisa de Silva (1991). Trata-se, portanto, de um outro universo analisado. Se forem considerados todos os assistentes sociais relacionados nas duas pesquisas, teremos, certamente, um conjunto expressivo de *formadores de opinião*, dentro da categoria, que atuaram na profissão a partir do início dos anos de 1970, sendo que muitos continuam ativos.

Além disso, quando os pesquisadores do DIEESE (1995) tratam do que seria a *competência profissional*, eles afirmam que,

se observarmos, com atenção, descobriremos um traço comum oculto que perpassa todos esses atributos.<sup>11</sup> Na verdade, eles se assentam sobre uma base bem mais ‘agressiva’ que aquela que soldava as qualidades do passado: a dedicação, a compaixão, a empatia, o humanismo, a solidariedade, que continuam vogando, mas como uma espécie de segunda natureza, de segunda pele, definitivamente incorporados. Ao contrário, a competência multifacetada se propõe como meta a ser atingida, com provocação e desafio, ainda em fase de construção (DIEESE, 1995, p. 51).

Desta feita, percebe-se que, embora não se apresentem de maneira explícita e direta, os fundamentos religiosos das propostas realizadas pelos autores brasileiros já estão incorporados, ou seja, já fazem parte, como um *a priori* ou uma segunda pele, como um *habitus*, conforme sinaliza Bourdieu (1998). É esse sentido oculto que parece explicar como

---

10 Os entrevistados foram: Ana Elizabete Mota, Ana Ma. de Vasconcelos, Anna Augusta de Almeida, Cleonice Inverso Martins, Daisy Ma. B. Gonçalves, Eliane Macedo Rocha, Eugênia C. Raizer, Gleide C. Índio, Helena Bertho da Silva, Henrique Luiz Arienti, Hilda Corrêa de Oliveira, José Lucena Dantas, José Paulo Netto, Josefa B. Lopes, Lucia Ma. Barros Freire, Luiza Erundina de Sousa, Magali da Silva A. Ribeiro, Marcia Pinheiro, Ma. Beatriz da Costa Abramides, Ma. Carmelita Yasbetck, Ma. Cristina Salomão de Almeida, Ma. da Penha da S. Franco, Ma. de Fátima Ferreira Azevedo, Ma. do Carmo Falcão, Ma. Elvira Rocha de Sá, Ma. Helena de Almeida Lima, Ma. Helena Rauta Ramos, Ma. Inês de Souza Bravo, Ma. Verli Mariano Eyer de Araújo, Marilda Villela Iamamoto, Marilza da C. R. Medina, Marlise V. Silva, Myriam Veras Baptista, Regina M. Franco, Roberto S. Dias, Rosângela N. de C. Barbosa, Rose M. Souza Serra, Rozinha Barzilay, Seno Cornely, Suely Gomes da Costa e Vicente de Paula Faleiros.

11 Os autores estão aqui tratando dos atributos que os entrevistados disseram ser relevantes para que houvesse “competência profissional”, a saber: no âmbito cultural, o assistente social deveria ser crítico, investigativo, propositivo, prospectivo e criativo; na área técnica, deveria ser generalista, especialista e com domínio de certas ferramentas; na política, deveria ser negociador, articulador, mediador e com senso de certos limites (DIEESE, 1995: 51).

assistentes sociais, com uma formação cultural tão avessa a interpretações materialistas, possam permanecer fiéis – e mesmo ratificar – às propostas realizadas por autores marxistas.

Por fim, mas não menos importante, no próximo item, analiso como os valores religiosos terminam se expressando na prática do serviço social.

## 2. A PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL

Neste estudo, o escopo da análise constitui os dados no Brasil, assim como foi realizado nos itens anteriores, remetendo o debate internacional para a publicação (SIMÕES, 2005). Em um estudo sobre a área da saúde, Vasconcelos (1999, p. 270) afirma que “84,6% dos profissionais [em um universo de 74] professam uma fé religiosa”, sendo que tal religiosidade torna-se importante, visto que, “em vários momentos, os profissionais tomam como referência os valores religiosos não só nas suas análises e avaliações, mas [também] no encaminhamento das ações com os usuários”. A autora, após fazer tais constatações, não oferece exemplos de como, de fato, os valores religiosos são mobilizados para a prática.

Nas entrevistas obtidas por Simões (2005), observamos os seguintes tipos de relação entre a religião e a profissão: (1) a religião dá sentido e direção a toda a vida dos profissionais e, com isso, também às suas ações profissionais; (2) a religião é um elemento positivo que deveria orientar todos os profissionais, pois torna-os pessoas melhores; (3) há uma complementaridade entre o trabalho religioso e o trabalho voluntário e profissional na área social; (4) a fé do profissional é utilizada como recurso para a prática; (5) os valores religiosos são a base para as ações assistenciais; (6) a busca por uma abordagem holística ocorre de forma a que dimensão *espiritual* seja considerada; (7) existe uma recorrência da oração e dos rituais religiosos como sustentação para as práticas assistenciais; (8) a ação profissional não é realizada somente por um contrato, por uma ação mercadológica, mas por um ato de amor. Esses exemplos parecem especificar os tipos de intermediação da religião no serviço social, conforme também observado por Vasconcelos (1999).

Tais exemplos nos colocam duas questões: não seria mais profissional separar religião e profissão no exercício profissional? Por que a atividade profissional não ocorre de maneira independente da religião

dos seus agentes? As mesmas perguntas são recorrentes quando se trata de questões epistemológicas. Se, por um lado, a literatura clássica, seja em Durkheim (1978), seja em Weber (1991), afirma a necessidade de um conhecimento axiologicamente neutro, por outro lado, há uma crítica a essas proposições que afirma a impossibilidade de tal feito. Desse modo, parece ainda mais difícil que uma subtração dos valores se dê em uma atividade profissional.

O serviço social é uma profissão reconhecida pela sua atuação pessoalizada (MARSHALL, 1967), ou seja, é no contato, no diálogo, que se faz a ação profissional. Nessa intervenção, como o assistente social deixará de contar com suas crenças e seus valores na prática profissional? Se há uma crítica à construção do conhecimento axiologicamente neutro, como manter a objetividade em uma atuação pessoalizada? Trata-se de um dilema que aparece na literatura como uma forma de *etnocentrismo de classe*, já que os valores dos assistentes sociais, em geral, são de classe média, em contraposição àqueles identificados entre os assistidos (VERDÈS-LEROUX, 1986; PAUGAN, 2003, SENNET, 2004).

A reflexão, então, é: como lidar quando há diferenças de valores entre os profissionais e aqueles que são objeto da intervenção dos assistentes sociais? Quando a religião é importante para a população, mas não o é para os profissionais e vice-versa? A proposta é uma profissão em que há uma intervenção isenta de valores, objetiva, neutra? O que caracteriza o objetivismo na intervenção social?

O livro de Loewenberg (1988) analisa em detalhes os dilemas sobre a presença de valores religiosos e seculares no serviço social (americano). O autor analisa as quatro interações possíveis: (1) clientes religiosos e assistentes sociais religiosos; (2) clientes seculares e assistentes sociais religiosos; (3) clientes religiosos e assistentes sociais seculares; (4) clientes e assistentes sociais seculares. O autor considera, entretanto, que não há nem valores religiosos únicos, nem valores seculares únicos.

Mais à frente, o autor passa a tratar dos julgamentos de valor e da imposição de valores. Segundo Loewenberg (1988), há uma expectativa de que o assistente social seja neutro, não imponha seus próprios valores aos clientes e suspenda julgamentos sobre o comportamento e as ações dos clientes, mesmo quando seus valores ou os valores da sociedade demandem um julgamento. Para o autor, trata-se de uma posição que remete às características do profissional tais como tratadas por Weber

(1994), ou seja, um fazer meramente técnico. Entretanto, o autor afirma: “neutralidade de valores (como é geralmente interpretada) é virtualmente impossível para assistentes sociais, não importa se eles mantêm valores religiosos, seculares ou outros”<sup>12</sup> (LOEWENBERG, 1998, p. 95).

Baseado nessa observação, o autor considera que uma ação neutra de valores não impede o moralismo e o paternalismo (SENNET, 2001) e que a busca por esse tipo de ação “é isto mesmo um valor”<sup>13</sup> (LOEWENBERG, 1988, p. 96). Assim, esse tipo de ação pode ser “mais insidiosa do que outras, porque não aparece abertamente como um valor”<sup>14</sup> (LOEWENBERG, 1988, p. 96) e porque ela pode camuflar os valores que, de fato, são perpassados por intermédio da intervenção. Consciente, então, da inevitabilidade da presença de valores na prática profissional, o autor propõe algumas estratégias práticas para salvaguardar os clientes de um potencial abuso por parte do profissional, mesmo sabendo da dificuldade de viabilizá-las tal como elas são propostas.

A *primeira* é diferenciar o julgamento sobre a pessoa da avaliação do seu comportamento. A *segunda* é suspender o julgamento por um tempo, de modo a estabelecer uma relação mais efetiva de ajuda com o cliente. O autor reconhece que isso deve ser feito quando há uma clara divergência de valores entre o profissional e o cliente. A *terceira* estratégia é reconhecer que há uma relação de poder na ação profissional. Com isso, seria oportuno que houvesse uma discussão aberta sobre os valores e as crenças do profissional com seus clientes, de modo a equilibrar essa relação de poder. Por fim, a *quarta* proposição é direcionada para os religiosos: toda pessoa deve ser aceita, porque ela foi criada como imagem de Deus.

Independentemente de se considerarem tais estratégias pertinentes para o caso brasileiro, o que está em questão aqui é a existência de uma discussão séria e apropriada sobre o tema. Não se avançará no debate sobre a religião e os valores religiosos e seculares na profissão sem que a referida temática seja objeto de um intenso debate, no qual existam proposições diversas, teoricamente orientadas, sem o exclusivismo da *verdade* para uma ou outra proposição, de modo a qualificar e orientar a ação dos profissionais.

---

12 “[...] value neutrality (as it is generally interpreted) is virtually impossible for social workers, no matter whether they hold religious, secular or other values” (LOEWENBERG, 1998, p. 95).

13 “[...] value neutrality is itself a value” (LOEWENBERG, 1988, p. 96).

14 “[...] may be more insidious than others because it does not appear openly as a value” (LOEWENBERG, 1988, p. 96).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns pontos se sobressaem no conjunto das informações discutidas neste artigo. O serviço social brasileiro foi, desde a sua origem, assim como a maioria das iniciativas em todo o mundo, influenciado por agentes, valores e conceitos religiosos advindos de origens judaico-cristãs. Essa influência não impediu que o serviço social se constituísse como uma profissão, reconhecida internacionalmente pelos Estados nacionais, com uma racionalidade técnico-instrumental, própria do mundo moderno, que compõe as iniciativas públicas e privadas com vistas a assegurar o bem-estar social.

A categoria dos assistentes sociais é composta, no Brasil, assim como a população brasileira, majoritariamente por agentes religiosos e cristãos. São agentes que se sentem religiosamente motivados a ingressar na formação em serviço social e a estabelecer várias ligações de sentido entre suas crenças e suas práticas. Além disso, as pesquisas demonstram que, se os assistentes sociais encontram uma formação politizada para o desempenho de sua profissão, a religião e o voluntarismo nas atividades sociais são as posturas profissionais que demarcam suas ações cívicas. Isso significa que a política é tida como um instrumento de trabalho que se implementa, majoritariamente, mediada por valores éticos e por valores religiosos.

Essa aproximação ocorre tendo como *pano de fundo* uma formação reconhecida, principalmente pelos agentes externos, como reprodutora de uma *démarche* religiosa. Neste sentido, o silenciamento da religião no serviço social não contribuiu para que a profissão deixasse de ter uma aproximação com a religião, e isso ocorreu mesmo com uma teorização avessa ao universo religioso. Se o discurso não era religioso, seu sentido não deixou de ser, sacralizando alguns conhecimentos em detrimento de outros, com uma retórica de verdade e com líderes carismáticos, formando uma comunidade em torno de um único projeto de profissão<sup>15</sup> e que não se limita ao escopo da profissão, mas se estende a toda a sociedade. Um projeto que prega uma justiça social, tendo como protagonismo a associação entre a categoria profissional e a *classe trabalhadora*. Uma classe, no entanto,

---

15 Chama a atenção o fato de que todas as profissões têm teorias e métodos distintos para a atuação profissional. Pensemos na psicologia, com os aportes cognitivo-comportamentais, o behaviorismo, as abordagens junguiana e freudiana, entre outros; na educação, com as propostas construtivistas, o método de Piaget, o modelo paulo-freirianiano, a pedagogia montessoriana e a Waldorf, entre outras; no direito, o jusnaturalismo, o positivismo jurídico... Enfim, o universo acadêmico promove a possibilidade de se pensar e fazer de modos distintos dentro de uma única profissão.

que não tem identidade, não é mensurada e é, neste sentido, impossível de ser localizada. É essa imprecisão que torna o discurso palatável e com viés messiânico, tendo em vista o limite de uma atuação de nível de rua (LIPSKY, 2010).

Por fim, a partir do que foi aqui apresentado, a pouca pesquisa na área não impede de localizar a relevância desta temática. Assim como as discussões sobre gênero, violência, raça, decolonialidade, interseccionalidade e envelhecimento, que passaram a fazer parte dos temas discutidos pela profissão, independentemente do aporte teórico de base, o tema da religião está e permanece com uma lacuna ainda a ser explorada na formação profissional. Como já mencionado no início deste artigo, as demandas e questões religiosas nunca deixaram de atravessar o cotidiano da prática profissional. Neste sentido, cabe a cada pesquisador, estudante de graduação ou pós-graduação ou profissional recorrer à literatura que já existe, trazer este tema como ponto de discussão nos cursos de formação, não se limitar à bibliografia *autorizada* da profissão e, assim, projetar e dar visibilidade aos temas relativos à religião no serviço social.

É pelo debate público e universal, acadêmico, sobretudo, que podem ser encaminhadas propostas teóricas e técnicas diversas, de modo a formar agendas de debates e centrar o foco nos diversos objetos possíveis de estudo sobre a inter-relação entre a religião e o serviço social. Uma intervenção livre de valores religiosos? Respeitar os valores religiosos dos assistidos e trabalhar a partir deles? O perfil profissional permanece religioso? É possível realizar uma mediação entre teoria e religião, como fez a Teologia da Libertação, mas na prática profissional? Afinal, como tudo isso tem sido discutido nos diversos países onde tal relação não foi silenciada? O que dizem os artigos das revistas internacionais sobre esta temática?

São 30 anos de atraso no debate entre religião e serviço social no Brasil. Como tudo na história tem seu início e seu fim, o tempo de silenciamento desta temática também tem. O fim deste período será agora ou ainda teremos que esperar mais uma década para começar a tratar o tema de forma apropriada?

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. M. *Serviço Social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional*. São Paulo: Cortez, 2002.

- ALMEIDA, A. A. *Possibilidades e limites da teoria do Serviço Social*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BARBOSA, M. *Planejamento e Serviço Social*. 3ª edição revisada. São Paulo: Cortez, 1980.
- BASTOS, M. D. F. Divergências político-ideológicas no processo de profissionalização do Serviço Social nos Estados Unidos. *Serviço Social e Sociedade*, 27, São Paulo: Cortez, 1988.
- BOURDIEU, P. A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BURITY, J. A. *Redes, parcerias e participação religiosa nas políticas sociais no Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana, 2006.
- CARRARA, V. *Serviço Social e Teologia da Libertação*. Juiz de Fora: UFJF, 1999 [Dissertação de Mestrado].
- CASTRO, M. M. *História do Serviço Social na América Latina*. 2ª ed. São Paulo: Cortez/Celats, 1987.
- DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos). *Serviço Social: trajetória e perspectivas*. Rio de Janeiro: DIEESE, 1995 (mimeo).
- DURKHEIM, E. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Nacional, 1978.
- GIARCHI, G. G.; LANKSHEAR, G. The Eclipse of Social Work in Europe. *Social Work in Europe*, 5 (3), pp. 25-36, 1998.
- HAMILTON, G. *Teoria e Prática do Serviço Social de casos*. 6ª edição, Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- IAMAMOTO, M. V. *Renovação e Conservadorismo no Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1992.
- IARSKAIA, S. E.; ROMANOV, P. A Salary is not important here: the professionalization of social work in contemporary Russia. *Social Policy & Administration*, 36 (2), 2002.
- ITO, Y. Social Work development in Japan. *Social Policy & Administration*, 29 (3), pp. 258-268, 1995.

- LIPSKY, M. *Street-Level Bureaucracy*. New York: Russell Sage Foundation, 2010.
- LOEWENBERG, F. M. *Religion and Social Work Practice in Contemporary American Society*. New York: Columbia University Press, 1988.
- MANNHEIM, K. *Ideologia e Utopia*. 4ª edição, Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- MARSHALL, T. *Política Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- PAUGAN, S. *A Desqualificação Social: ensaio sobre a nova pobreza*. São Paulo: Educ, Cortez, 2003.
- PERLMAN, H. *O que é o Assistente Social?* Rio de Janeiro: Moraes, 1981.
- PINHEIRO, L. F. *Serviço Social, Religião e Movimentos Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2010.
- PINTO, R. M. *Política Educacional e Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1986.
- QUIROGA, C. *Invasão Positivista no Marxismo*. São Paulo: Cortez, 1991.
- SENNET, R. *Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SILVA, L. *Aproximação do serviço social à tradição marxista: caminhos e descaminhos*. São Paulo: PUC-RJ, 1991 [Tese de Doutorado].
- SIMÕES, P. *Assistentes Sociais e Religião: um estudo Brasil/Inglaterra*. São Paulo: Cortez, 2005.
- SIMÕES, P. *Gênero, Origem Social e Religião*. Rio de Janeiro: E-Papers; FAPERJ, 2009.
- SIMÕES, P. *Assistentes Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: E-Papers; FAPERJ, 2013.
- TEIXEIRA, K. M. R. *Direito e Justiça na voz profética de Jeremias*. Goiânia: PUC-Goiás, 2020 [Projeto de Doutorado].
- VERDÈS-LEROUX, J. *Trabalhador Social: práticas, hábitos, ethos e formas de intervenção*. São Paulo: Cortez, 1986.
- VIEIRA, B. *Serviço Social: precursores e pioneiros*. Rio de Janeiro: Agir, 1984.
- WEBER, M. *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*. São Paulo: Moraes, 1991.

## ANEXO

(Religião e serviço social)  
(por ordem cronológica)

### Anais de congressos

BATISTA, Déborah Barrêto; COELHO, Maria Ivonete Soares. *O debate da religião no serviço social: fundamentos e exercício profissional*. VII Jornada Internacional de Políticas Públicas, Maranhão: UFMA, 2015.

DUTRA, Patrícia Vicente. *A presença da religião no exercício profissional de assistentes sociais*. Londrina. Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social. Londrina: UEL, 2015.

KOBAYASI, Susana; SILVA, Cláudia Neves da. *Religião e Serviço Social: religião e religiosidade dos estudantes do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina*. Seminário Internacional de Práticas Religiosas no Mundo Contemporâneo. Londrina: UEL, 2016.

PINHEIRO, Paulo Wescley Maia. *Neoconservadorismo, Fundamentalismo Religioso e o Desafio para a Formação em Serviço Social*. Humanidades em Contexto: Saberes e Interpretações: ICHS/UFMT, 2016.

SILVA, Claudia Neves da; SOUZA, Regiane Renata de. *A religiosidade do assistente social*. XI Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas: UEL, setembro, 2016.

ARAÚJO, Leticia Machado de; CARVALHO, Pollyanna de Souza; AZEREDO, Verônica Gonçalves. *Princípios religiosos e ético-políticos na formação e trabalho dos(as) assistentes sociais*. Anais do I Colóquio Internacional; IV Colóquio Nacional sobre o Trabalho do/a Assistente Social, UFAL, 2017.

### Dissertações de mestrado

VILLIRRO, P. M. F. *Ajuda na solução de problemas “leiga” ou “técnica”. Como o cliente sente o apoio recebido do assistente social da família e/ou religião*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1989.

SOUZA, M. F. P. *Saúde e Religião: um estudo das práticas umbandistas*. João Pessoa: UFPB, 1991.

SIMÕES, P. *Serviço Social e Ethos Religioso*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

CARRARA, V. *Serviço Social e Teologia da Libertação*. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

BENTES, M. A. L. *A Cultura e a Fé na Amazônia Paraense: O movimento da religião pentecostal em Belém*. Belém: UFPA, 2006.

BERNARDO, T. T. *Aventuras do assistente social: uma abordagem sobre o desafio da prática profissional frente ao gênero e a religião nos tratamentos para usuários de drogas*. Rio de Janeiro: UERJ, 2007.

LOUREIRO, Vivian Maria Rodrigues. *'Música para os ouvidos, fé para a alma, transformação para a vida': música, fé e construção de novas identidades na prisão*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2009.

RIBEIRO, Luiz Alberto Faria. *DEUS é para todos? Travestis, inclusão social e religião*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2009.

SILIPRANDI, A. M. *Somos o presente da Igreja: A religião na subjetividade de jovens da Pastoral da Juventude*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

SILVA, Geovana. *Instituições Católicas e Conselho Municipal de Assistência Social/CMAS no Rio de Janeiro: articulações e hegemonia no controle social*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2010.

QUINTÃO, G. F. *A questão religiosa no trabalho do assistente social: fragmentos de uma investigação na atualidade*. Niterói: UFF, 2012.

AMANCIO, M. L. N. *Um Estudo sobre a Violência contra a mulher e a intervenção do serviço social no Juizado da Mulher em Juazeiro do Norte/CE: a interface do discurso religioso*. Vitória: Faculdade Unida de Vitória, 2013.

OLIVEIRA, W. C. *Elementos do Assistencialismo no serviço social brasileiro*. Vitória: Faculdade Unida de Vitória, 2013.

PINHEIRO, Paulo Wesley Maia. *Serviço social e neoconservadorismo religioso: a percepção dos/as estudantes e os desafios para o projeto ético-político*. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2013.

BATISTA, J. P. *A Doutrina Social da Igreja Católica e os fundamentos do serviço social: o curso de Serviço Social da PUC Minas*. Belo Horizonte: PUC-MG, 2015.

ARAUJO, T. T. *Religião e Prisão: desafios para a intervenção do serviço social na coordenação da assistência religiosa no sistema penitenciário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BATISTA, D. B. *Serviço social e religião: a influência religiosa no exercício profissional de assistentes sociais*. Mossoró: UERN, 2016.

VIDAL, E. B. *Os Valores Religiosos e seus desdobramentos no cotidiano dos jovens*. São Paulo: PUC-SP, 2016.

CARVALHO, H. H. R. *Serviço Social e Conservadorismo Religioso: Estudo das implicações éticas no agir profissional*. Belém: UFPA, 2017.

DUTRA, P. V. *Manifestações sociorreligiosas dos assistentes sociais e suas repercussões imediatas nas práticas laborais do tempo presente ao Oeste do Paraná*. Paraná: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2017.

JUSTINO, A. A. *Teologia da Libertação e Marxismo: Religião e lutas emancipatórias*. Santa Catarina: UFSC, 2017.

OLIVEIRA, E. R. *A Caridade e a Assistência: o processo de reordenamento socioinstitucional “vivido” no cotidiano de uma instituição religiosa espírita prestadora de serviços sociorreligiosos localizada na Rocinha – cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2017.

OLIVEIRA, S. M. G. *Serviço Social, religiosidade e defesa da laicidade*, 2018. 166 f. São Paulo: PUC-SP, 2018.

### **Teses de doutorado**

GUIMARÃES, S. J. *Serviço Social e Igreja Católica no Brasil pós-ditadura*. São Paulo: PUC-SP, 1998.

SIMÕES NETO, J. P. *Ajuda Social: Das Relações entre Religião e Serviço Social – Brasil/Inglaterra*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

## Artigos

SIMÕES, P. Mediações Religiosas no Serviço Social. *Revista Praia Vermelha*, 3, 2000, pp. 30-54.

PINHEIRO, L. F. A emergência de uma consciência crítica no Serviço Social e a contribuição do cristianismo da libertação. *Fragmentos de Cultura*. Universidade Católica de Goiás, v. 15, n. 5, p. 791-811, 2005.

PINHEIRO, Paulo Wesley Maia. *Serviço social, neoconservadorismo religioso e o desafio para a formação profissional*. *Temporalis*. Brasília (DF), ano 15, n. 29, jan./jun. 2015.

QUINTÃO, Graziela Ferreira. Liberdade e intolerância religiosa no Brasil: tendências e desafios para o Serviço Social. R. *Praia Vermelha*. Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 259-282, jan./jun. 2015.

MORI, Vanessa Tiemi. SILVA, Claudia Neves da. A religiosidade dos estudantes de uma universidade pública: considerações a partir do curso de Serviço Social. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, vol. 7, n. 1, 2016, p. 439-457.

SILVA, Claudia Neves da; DUTRA, Patrícia Vicente; LANZA, Fabio. A Relação entre Manifestações Religiosas e o Exercício Profissional dos Assistentes Sociais: Um Estudo das Contradições e Possibilidades no Norte do Paraná. *Revista Sociedade em Debate*. 22(2): 415–441, 2016.

SOUZA, Karine Fernandes de; ALMEIDA, Guilherme da Silva; ALENCAR, Monica Maria Torres de. Religiosidade, diversidade sexual e de gênero na formação profissional do/a assistente social: um estudo exploratório com graduandos/as da FSS/UERJ. *Revista Aproximando*, vol. 2, n. 3, 2016.

DUTRA, Patrícia Vicente; SILVA, Claudia Neves da. Identidade cultural na pós-modernidade e a religiosidade dos assistentes sociais. *Revista Relegens Thréskeia*, vol. 8, n. 1, 2019, p. 153-166.

SOUZA, Laís Negrão de; SILVA, Claudia Neves. O exercício profissional e a presença da religião: um estudo de caso a partir do Serviço Social. *Revista Brasileira de Iniciação Científica, Itapetininga*, v. 4, n. 9, 2017.

## Capítulos de livros

PINHEIRO, L. F. Questão social e religiosidade no Brasil: novas reflexões acerca do sincretismo no Serviço Social. In: BÉLIVEAU, Verónica Giménez (Org.). *La religión ante los problemas sociales: Espiritualidad, poder y sociabilidad en América Latina*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2019.

## Livros

SIMÕES, P. *Assistentes Sociais e Religião: um estudo Brasil/Inglaterra*. São Paulo: Cortez, 2005.

SIMÕES, P. *Gênero, Origem Social e Religião*. Rio de Janeiro: E-Papers; FAPERJ, 2009.

PINHEIRO, L. F. *Serviço Social, Religião e Movimentos Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Gramma editora, 2010.

SIMÕES, P. *Assistentes Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: E-Papers; FAPERJ, 2012.